

O ALUNO UNIDIMENSIONAL DA RME DE GOIÂNIA: O USO DO CADERNO APRENDER SEMPRE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Paulo Roberto Fernandes da Silva¹

RESUMO: Este artigo discorre sobre a formação do aluno unidimensional na Rede Municipal de Ensino de Goiânia, por meio de um currículo que entende o aluno como referência no ensino, expressando os valores da ideologia dominante, restringindo a capacidade do aluno a de um sujeito que estuda para realizar avaliações e não para atuar na sociedade em que vive de forma autônoma e crítica. Neste contexto é abordado o estudante racional (crítico) e o pré-moldado (cuja racionalidade é a da classe dominante), bem como o currículo que torna este estudante moldado, unidimensional. Por fim, é realizada uma discussão sobre o ideal dominante unidimensional e a escola como espaço de luta e resistência, com potencial transformador.

Palavras-chave: aluno, educação, unidimensional, dominante, currículo.

El estudiante unidimensional de la RME de Goiânia: usando el cuaderno Aprender Siempre en la educación primaria

RESUMEN: Este artículo analiza la formación del estudiante unidimensional en la Red Municipal de Educación de Goiânia, a través de un plan de estudios que entiende al estudiante como referencia en la enseñanza, expresando los valores de la ideología dominante, restringiendo la capacidad del estudiante a la de un sujeto que estudia para realizar valoraciones y no para actuar en la sociedad en la que vive de forma autónoma y crítica. En este contexto, se abordan los estudiantes racionales (críticos) y premoldeados (cuya racionalidad es la de la clase dominante), así como el plan de estudios que conforma a ese estudiante moldeado y unidimensional. Finalmente, se realiza una discusión sobre el ideal unidimensional dominante y la escuela como espacio de lucha y resistencia, con potencial transformador.

Palabras clave: estudiante, educación, unidimensional, dominante, currículo.

INTRODUÇÃO

Ao analisar a obra de Herbert Marcuse, “O homem unidimensional” (2015), e a organização do trabalho pedagógico da Rede Municipal de Educação de Goiânia (RME), que tem como instituição mantenedora a Secretaria Municipal

¹ Mestrando em Educação FacMais. E-mail: paulosilva@aluno.facmais.edu.br

Apoio financeiro: Nenhum.

Conflitos de interesse: O autor declara não haver nenhum conflito de interesse.

Correspondência: paulosilva@aluno.facmais.edu.br

Recebido:

Aprovado:

Editor: Marcelo Máximo Purificação.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



de Educação de Goiânia (SME), percebe-se ações erigidas sob os valores do mercado e produzindo um aluno unidimensional.

A definição de um material estruturado para ser utilizado por todas as unidades educacionais, do primeiro ao nono ano do ensino fundamental, pela SME, representa uma redução do potencial do aluno, presando a mesma formação, com um mesmo recurso pedagógico, para um contingente de alunos que não são iguais e nem estão em um mesmo nível de desenvolvimento, embora matriculados em um mesmo ano.

Este reducionismo é expressado no material estruturado Aprender Sempre, que é organizado por ano e por bimestre. Ele deve ser aplicado pelo professor e respondido pelos alunos, que serão avaliados bimestralmente para ver se estão se apropriando do conhecimento adequado para o seu ano.

A centralidade do ensino não é o aluno, mas o recurso pedagógico pré-definido por especialistas que acreditam saber o que é melhor para ‘todos os alunos’, o que contribui com a formação de um aluno unidimensional.

A fim de examinar esta formação do aluno unidimensional, com base em uma pesquisa teórica, este trabalho se organizará com uma discussão sobre o tipo de aluno que temos e o tipo de aluno que é formado. Em seguida, abordaremos o currículo como delimitação do sujeito e finalizaremos retratando o ideal dominante unidimensional em relação a escola como espaço de luta e resistência. Nas considerações finais serão expostas contingências para enfrentar esta organização modeladora de um sujeito unidimensional.

1 ALUNOS: SUJEITOS RACIONAIS OU PRÉ-MOLDADOS

A eficiência e o poder da administração esmagaram o indivíduo, que gradualmente perdeu as feições iniciais da racionalidade crítica (isto é, autonomia, discordância, o poder de negação), produzindo, assim, uma “sociedade unidimensional” e um “homem unidimensional”.

(KELLNER, 2015, p.16)

O aluno como sujeito racional, usa sua compreensão da realidade e, a partir da expansão deste modo de ver o mundo, ele utiliza sua autonomia para



atuar nele. Se o aluno é instigado a refletir sobre as condições materiais que ele, sua família, sua comunidade, sua classe social possuem e a organização social, cultural, econômica e política que constituem a sociedade, ele poderá negar, confrontar a realidade, com autonomia e a racionalidade individual/de classe.

Por outro lado, quando o aluno é exposto e formado com base na racionalidade da classe dominante, que define o seu modo de pensar, agir/reagir, atuar, sonhar, este sujeito tem sua autonomia, sua razão, a possibilidade de discordar dos valores pregados, suprimidos por este poder controlador. E a administração – representada pela SME – produz um cenário educacional que forma o aluno (sujeito pré-moldado) de acordo com a necessidade do mercado de trabalho.

Estas ações são pensadas de maneira que as pessoas ficam propensas a acreditar que a organização do sistema educacional de Goiânia é pensada para o bem comum, para o desenvolvimento de todos os alunos, como algo bom, positivo, conforme podemos analisar o que propõe o superintendente pedagógico da SME, Marcelo Ferreira de Oliveira, no ofício nº 172/2022, Material Estruturado Aprender Sempre – DIRPED, de 10 de maio de 2022:

O Programa Aprender Sempre estabelece orientações e ações para recomposição, recuperação e aprofundamento das aprendizagens para os estudantes do Ensino Fundamental. Trata-se de um Programa composto por materiais pedagógicos gráficos e audiovisual, avaliações e formação contínua de professores. [...] Materiais Gráficos – Os materiais gráficos abrangem os componentes os componentes de Língua Portuguesa e Matemática em todos os anos do Ensino Fundamental, de forma entrelaçada aos demais materiais disponibilizados pela Secretaria Municipal de Educação de Goiânia. O conteúdo dos cadernos foi elaborado com o objetivo de garantir o desenvolvimento das habilidades priorizadas no Documento Curricular Ampliado para Goiás (DC-GO Ampliado). As sequências foram desenvolvidas a partir de habilidades relacionadas ao Currículo de anos anteriores, uma vez que a função precípua deste é promover a recuperação de aprendizagens, dadas as circunstâncias vividas. (DIRPED, 2022, p. 01)

O ideal afirmado é o de que o caderno Aprender Sempre ajudará na “recomposição, recuperação e aprofundamento das aprendizagens”. Na prática, o caderno é o mesmo elaborado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC-SP), modificando apenas a capa, propondo as mesmas sequências de atividades fundamentadas no currículo de cada ano e projetado para alunos que estão no nível de aprendizagem esperado para turma, o que



não representa a realidade das salas de aulas com estudantes em processo de alfabetização, alfabetizados com dificuldade de interpretação e produção textual, com defasagem nos conhecimentos matemáticos, com necessidade educacional especializado, dentre outros perfis, subjugados a um mesmo recurso pedagógico, padronizado.

A negação sobre este material é baseada na estratificação criada dentro da sala de aula composta por alunos que ficarão à margem – da aprendizagem e desenvolvimento – pelo seu nível de desenvolvimento estar distante do esperado para utilizar o caderno Aprender Sempre. Enquanto os que estão no nível adequado para trabalhar com o material didático, constituirão o grupo dos que detém o conhecimento essencial para o ano que está matriculado, tendo mais chance de obter melhores resultados nas avaliações e poderão desenvolver os conhecimentos e habilidades, segundo o molde exigido pelo mercado.

Com a máscara de um recurso didático inclusivo, que recupera e aprofunda a aprendizagem, temos um material que exclui quem não está no “padrão/nível” esperado. O que gera outra reflexão: o aluno como sujeito real, em uma sociedade real, como ser pensante/reflexivo/racional, não deveria ser referência para aprendizagem, tendo conteúdo curricular elementos que considerassem suas condições de vida, suas curiosidades, as características de sua comunidade, de sua classe social, de sua família, das políticas públicas voltadas para ele e suas necessidades? O currículo escolar atende aos interesses de quem? Se não atende aos interesses do sujeito que aprende, o aluno, é retirado do estudante sua liberdade, uma formação necessária para ele entender o mundo em que vive e decidir como atuar nele. Lhe é possibilitado subjugar ao mercado, no local em que este quer que o aluno fique.

Sobre a liberdade, Marcuse ratifica que “Toda liberdade depende da consciência de servidão e o despertar dessa consciência se vê impedido pela prevalência de necessidades e satisfações que, em grande medida, tornaram-se próprias do indivíduo” (2015, p. 45-46). A consciência dos alunos, bem como suas necessidades e satisfações são controladas por àqueles que dominam os meios de produção econômica e, permanecem no poder, por meio do controle que exerce ao definir o conteúdo cultural que criará no aluno a sua consciência, desejos, pseudo felicidade.



E romper com esta situação é algo complexo, tendo em vista que:

...a dimensão “interior” da mente (*mind*), na qual a oposição ao *status quo* pode se enraizar, é reduzida. A perda dessa dimensão, na qual habita o poder do pensamento negativo – o poder crítico da Razão – é a contraparte ideológica do próprio processo material pelo qual a sociedade industrial silencia e reconcilia a oposição. O impacto do progresso transforma a Razão em submissão aos fatos da vida e à capacidade dinâmica de produzir mais e maiores fatos do mesmo tipo de vida. A eficiência do sistema enfraquece a capacidade do indivíduo reconhecer que esse sistema só contém fatos que expressam o poder repressivo do todo. Se os indivíduos encontram-se nas coisas que moldam suas vidas, não é porque eles estabelecem a lei das coisas, mas porque eles a aceitam – não como uma lei da física, mas enquanto uma lei da sociedade.

[...]O aparato produtivo e os bens e serviços que ele produz “vendem” ou impõe o sistema social como um todo. Os meios de transporte e de comunicação de massa, as mercadorias de habitação, alimentação e vestuário, a irresistível produção da indústria de entretenimento e da informação trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais que unem os consumidores mais ou menos prazerosamente aos produtores e, por meio destes últimos, ao todo. (MARCUSE, 2015, p. 49)

Essa “perda da oposição ao *status quo*” subtrai a consciência de classe e volta as atenções para aspirações de consumo, para o que se quer experimentar/possuir para ter prazer e/ou ser feliz. A falta de criticidade, de pensamento negativo, compõe uma sociedade dominada, à serviço dos interesses dominantes, pronto para serem explorados e subjugados às profissões necessárias, nas condições necessárias para manutenção do poder hegemônico. E o currículo escolar é um aparelho do estado que modela os alunos para serem sujeitos alienados, utilizados e controlados pelo mercado – e reprodutores dos valores que justificam sua dominação, concebendo a “lei da sociedade”.

A escola, como importante instituição social, deveria problematizar o sistema social apontado por Marcuse, priorizando reflexões sobre os meios de comunicação de massa, acesso a alimentação, escolha de vestuário e a indústria de entretenimento – atualizada com as redes sociais atuais – voltando sua formação para aluno como ser sócio-cultural-econômico-político-histórico, em suas múltiplas dimensões. Mas, a escola tal como é organizada e munida dos recursos didáticos pré-definidos, com um currículo prescritivo e com sistema de avaliação controlando se o que está sendo ensinado corresponde ao que foi



previsto, defende interesses alheios à demanda da sociedade (pensada a partir das pessoas que a compõe e seu contexto, como já fora pontuado).

2 O CURRÍCULO UNIDIMENSIONAL

[...] a educação, como prática de liberdade, é um ato de conhecimento, uma abordagem crítica da realidade.
(FREIRE, 2016, p.55)

O currículo prescritivo da SME é o Documento Curricular para Goiás (DCGO), o qual contempla os objetos de conhecimentos e habilidades definidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O caderno Aprender Sempre, produzido pela SEDUC-SP e aplicado na RME, tem como referência curricular a BNCC. Este documento, definido como base, se configura como um rol de objetos de conhecimentos e a habilidades de cada área do conhecimento, que devem ser trabalhados em todas as instituições educacionais do território brasileiro, com o objetivo de garantir justiça e equidade no ensino: ele prevê o que todos alunos devem aprender em cada ano escolar e em cada área do conhecimento.

A escolha do conteúdo deste currículo obrigatório expressa o poder das grandes instituições econômicas que controlam os meios de produção, o mercado, a administração pública, suas políticas sociais, a cultura, a educação, dentre outros. O currículo sob este domínio, elenca as habilidades que desejam que sua mão de obra desenvolva para atender a demanda do mercado. E as avaliações em larga escala e as internas, da SME, visam acompanhar o trabalho das unidades educacionais, monitorando os resultados da aprendizagem, oriundos da execução do currículo escolar.

Tanto a seleção de habilidades e conteúdos quanto o modelo de monitoramento da aprendizagem são fruto de uma estratégia política e econômica das organizações internacionais para expansão de sua racionalidade. Neste sentido, Laval ao discutir a mutação da escola na França assevera que:



As organizações internacionais “OMC, OCDE, Banco Mundial, FMI, Comissão Europeia) contribuem para essa constrição transformando as “constatações”, as “avaliações”, as “comparações” em muitas ocasiões de fabricar um discurso global que tira sua força cada vez mais de sua extensão planetária. Nesse plano, as organizações internacionais, além de seu poderio financeiro, tendem a ter, cada vez mais, um papel de centralização política e de normalização simbólica considerável. (2004, p. XIV)

O caráter unidimensional deste currículo, é evidenciado por ser organizado para preparar o estudante com um perfil específico: que domine as habilidades e os conhecimentos ensinados e tenha uma boa performance nas avaliações, garantindo sucesso escolar e na vida. Esta manobra gera uma consciência de que o aluno que se esforça aprende e tem uma vida de sucesso, e o que não aprende? É só porque não se esforçou o suficiente? Neste contexto, percebemos como a linguagem é poderosa e, o quanto ela persuade a interpretação. “A linguagem [...] se torna um instrumento de controle mesmo quando não transmite ordens, mas informação; quando não exige obediência, mas escolha, quando não demanda submissão, mas liberdade” (MARCUSE, 2015, p. 121).

Ao pensar nos estudantes das camadas mais populares, a defasagem escolar extrapola a questão do esforço. A própria linguagem utilizada no currículo e em sua manifestação na SME, com o caderno Aprender Sempre, não coaduna com sua linguagem e a grupos sociais de que participam. Os termos e os enunciados não fazem parte do repertório destes estudantes que, conseqüentemente, não aprendem e tem desempenho baixo nas avaliações internas/externas.

Refletindo sobre a intencionalidade deste currículo, o problema ultrapassa a questão da linguagem, mas a questão de seu conteúdo propriamente dito. Se como Freire propôs, a educação fosse uma prática de liberdade, seu currículo teria como finalidade a abordagem crítica da realidade do estudante (de escola pública, que em sua maioria, é proveniente das classes populares).

Com o escopo de intervir na organização curricular vigente, é mister apresentar a visão de Freire sobre a conscientização, quando este afirma que:

A conscientização produz a desmistificação. É evidente e impressionante, mas os opressores jamais poderão provocar a



conscientização para a libertação: *como desmistificar se eu oprimo?* Ao contrário, pelo fato de que sou o opressor, tenho a tendência de mistificar a realidade que se dá a apreensão dos oprimidos, para os quais então essa apreensão se dá de maneira mítica, e não crítica. O trabalho humanizador não poderá ser outro que não o de desmistificação. Por isso mesmo, a conscientização é a abordagem da realidade mais crítica possível, desvelando-a para conhecê-la, e para conhecer os mitos que engam e ajudam a manter a realidade da estrutura dominante. (2016, p. 60)

A conscientização apresentada por Freire é fundamental para que os alunos desenvolvam uma consciência de classe, autonomia e criticidade para superar as tentativas de delineamento de sua subjetividade. Toda a comunidade escolar precisa identificar a opressão velada nos documentos prescritivos e recusar a opressão e a manutenção desta ideologia dominante nas escolas públicas. Exigindo um currículo real, com a linguagem e os enunciados adequados para todos os estudantes, bem como, conteúdos que expressem objetos de estudos necessários para os estudantes se formarem com criticidade, consciência política e tendo sua historicidade respeitada.

O currículo precisa ser desmistificado e criticado de modo que ele expresse a resistência dos estudantes e a luta contra a racionalidade neoliberal, a divisão de classe, o uso da tecnologia a favor da cultura do entretenimento, utilizando mitos e valores para inculcar uma falsa liberdade e um padrão de estilo de vida: o sujeito unidimensional.

3 O IDEAL DOMINANTE UNIDIMENSIONAL X A ESCOLA COMO ESPAÇO DE LUTA E RESISTÊNCIA

3.1 O ideal dominante unidimensional

Nós vivemos e morremos racionalmente e produtivamente. Nós sabemos que a destruição é o preço do progresso, assim como a morte é o preço da vida, que a renúncia e o esforço são os pré-requisitos para a gratificação e o prazer, que os negócios têm que continuar, e que as alternativas são Utópicas. Essa ideologia pertence ao aparato social estabelecido; ela é requisito para seu funcionamento contínuo e faz parte de sua racionalidade.



(MARCUSE, 2015, p. 154)

O ideal dominante, para Marcuse, fomenta a subjetividade do indivíduo com valores que corroboram o sistema dominante e geram uma falsa consciência de que ser produtivo é a única alternativa e que “essa falsa consciência tem sido corporificada nos aparatos tecnológicos dominantes que, por sua vez, a reproduzem” (MARCUSE, 2015, p. 154). E ao serem reproduzidas, compõem o imaginário coletivo e se tornam regra, um padrão a ser seguido, o qual direciona e molda as vidas dos indivíduos na sociedade dominada.

A compreensão da dominação e as possibilidades de enfrentamento a esta lógica de organização social, refinadamente, são retiradas dos discursos que permeiam as relações humanas nos espaços sociais que frequentam e, coletivamente, as pessoas reproduzem a ideologia dominante, validando-a e tomando-a como única maneira de pensar a vida material. A respeito deste controle social, Marcuse pontua que:

[...] no período contemporâneo, os controles técnicos parecem ser a própria encarnação da Razão em benefício de todos os grupos e interesses sociais – em um nível tal que toda contradição parece irracional e toda oposição, impossível. Assim, não é de se admirar que, nos setores mais avançados dessa civilização, os controles sociais tenham sido introjetados a ponto de até mesmo o protesto individual ser afetado em suas raízes. (2015, p. 48)

A servidão contém o protesto, a dominação inibe a razão e os indivíduos são controlados e dimensionados no formato desejado pelos os donos dos meios de produção. Esta condição humana unidimensional ultrapassou a esfera individual e atingiu toda a sociedade, se manifestando no modo de pensar e agir dos indivíduos, demonstrando a eficácia da ideologia e seu poder alienante. Desta maneira, “O próprio mecanismo que une o indivíduo à sua sociedade mudou e o controle social está ancorado nas novas necessidades que essa sociedade produziu” (MARCUSE, 2015, p. 47).

O novo tipo de liberdade vivenciado pelas pessoas está assentado nas novas necessidades de consumo, que de forma pré-condicionada pela comunicação de massa, delimita a livre escolha dos bens que forma um estilo



de vida ‘desejável’ – inculcado com o valor de provedor de realização pessoal e felicidade.

Segundo Marcuse:

Surge assim um padrão de *pensamento e comportamento unidimensional*, no qual as ideias, aspirações e objetivos que, por seu conteúdo, transcendem o universo estabelecido do discurso e da ação, são ou repelidos ou reduzidos aos termos desse universo. (2015, p. 50)

...

O pensamento unidimensional é sistematicamente promovido pelos técnicos da política e seus provedores de informação de massa. Seu universo do discurso é povoado por hipóteses que se autovalidam e que, incessantemente e monopolisticamente repetidas, tornam-se definições ou prescrições hipnóticas. (2015, p. 51)

A lógica do pensamento unidimensional integra o que tratamos nas sessões anteriores deste trabalho e reduz o potencial humano a uma única dimensão, a de um sujeito alienado e controlado. As suas atividades escolares, laborais, de lazer e de consumo são provenientes da pré-seleção dos técnicos <especialistas> que freiam o pensamento individual e povoa o imaginário coletivo com o conteúdo preestabelecido.

3.2 A escola como espaço de luta e resistência

A escola no enquadramento de manutenção da ideologia dominante, se situa como Althusser define:

[...] a Escola (mas também outras instituições do Estado, como a Igreja e outros aparelhos, como o Exército) ensina o “Know-how”, mas sob formas que asseguram a submissão à ideologia dominante ou o domínio de sua “prática”. Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, sem falar dos “profissionais da ideologia” (Marx), devem de uma forma ou de outra estar “imbuídos” dessa ideologia para desempenhar “conscientemente” suas tarefas [...] (2022, p. 63-64).

A função da escola como um aparelho do estado, de representar a administração, os interesses dominantes, é o que será negado (conforme o pensamento negativo apontado por Marcuse) e interpelado por um pensamento que transcende o unidimensional e se pauta na realidade social.

De acordo com este pensamento, trataremos a educação com uma definição menos restritiva:



Pode-se dizer que se entende por educação o processo que leva à busca, à apreensão e à hierarquização dos valores de maneira própria e adequada à realização do homem enquanto pessoa e enquanto personalidade e, ao mesmo tempo, o produto desse processo, que consiste num modo de ser caracterizado pela apreensão e hierarquização dos valores de maneira própria e adequada à realização do sujeito como pessoa e como personalidade. (WERNECK, 2003, p. 79)

Werneck aponta uma maneira antagônica a educação unidimensional – à qual não se situa como modelador de aluno aos moldes da superestrutura – propondo uma educação que prioriza, justamente, a formação de um indivíduo singular, personalizado conforme a sua própria maneira de ver e analisar o mundo. E o mundo em funcionamento se torna objeto de conhecimento a ser analisado.

Ao tomar como perspectiva a realidade social e um processo educativo que transcenda aos interesses dominantes, o recurso didático caderno Aprender Sempre, que representa os saberes essenciais que os alunos devem aprender (previstos na BNCC), claramente atende a finalidades que extrapolam a realidade da escola. Está alheio ao indivíduo que aprende e, por isso, deve ser questionado.

Consoante ao pensamento de Saviani (2020, p. 23):

Considerando a centralidade que assumiu a questão da avaliação aferida por meio de testes globais padronizados na organização da educação nacional e tendo em vista a menção a outros países, com destaque para os Estados Unidos tomados como referência para essa iniciativa de elaborar a “base nacional comum curricular” no Brasil, tudo indica que a função dessa nova norma é ajustar o funcionamento da educação brasileira aos parâmetros das avaliações gerais padronizadas.

Unificar em um documento os saberes essenciais de cada componente curricular, para cada ano escolar, em prol de avaliações em larga escala/ avaliações padronizadas evidencia preocupação com o conhecimento técnico que se quer no mercado de trabalho. Conforme já vimos, são os grandes organismos financeiros que ditam o conteúdo do currículo. Desta maneira, o caderno Aprender Sempre além de representar interesses predefinidos com a seleção de seus conhecimentos, ele é um recurso que não explora todo o potencial do aluno – de pensar e agir sobre a realidade em que vive – tampouco



respeita sua história de vida e o permite se munir de todas as experiências e conhecimentos que possui para interpretar o mundo e tomar decisões individuais. A educação assume um papel de preparação para um fim específico: a avaliação externa.

Ainda sobre a relação da BNCC com as avaliações, Saviani expõe que:

No Brasil, esse modelo de avaliação orientado pela formação de *rankings* e baseado em provas padronizadas aplicadas uniformemente aos alunos de todo o país – por meio da “Provinha Brasil”, “Prova Brasil”, “ENEM”, “ENADE” – está, na prática, convertendo todo o “sistema de ensino” numa espécie de grande “cursinho pré-vestibular”, pois todos os níveis e modalidades de ensino estão se organizando em função da busca de êxito nas provas. Caminham, pois, na contramão das teorizações pedagógicas formuladas nos últimos cem anos para as quais a avaliação pedagogicamente significativa não deve se basear em exames finas e muito menos em testes padronizados. Devem, sim, avaliar o processo, considerando as peculiaridades das escolas, dos alunos e dos professores. Tudo indica, então, que a adoção, em todo o país, da tal BNCC – totalmente desnecessária à vista da vigência das Diretrizes Curriculares Nacionais – só se justificam enquanto mecanismo de padronização dos currículos como base para a elaboração das provas padronizadas aplicadas em âmbito nacional. (2020, p. 24)

Ao identificar um currículo padronizado, uma avaliação que não é pedagogicamente significativa, ou seja, uma educação que funciona como um preparatório para avaliação, emerge a necessidade de repensar a escola como espaço social de luta e resistência, como a refletida por Paulo Freire. Desse modo, uma escola que promove uma “educação libertadora deve ser compreendida como um momento, ou um processo, ou uma prática em que estimulamos as pessoas a se mobilizar ou a se organizar para adquirir poder” (FREIRE, 2021, p. 63) para lutar contra o ideal dominante opressor e unidimensional.

Este ensino seria dialógico, com participação efetiva da comunidade na composição do currículo a ser trabalhado na escola, nos problemas sociais que enfrentam, considerando os fatores culturais e interculturais que permeiam as relações interpessoais e, não menos importante, que explore as características das classes sociais e os mecanismos de dominação que precisam identificar criticamente. E esta organização não deve seguir traço tradicional em que sejam elencados os conteúdos e os professores apresentam para os alunos que, de



forma receptiva apenas escutam. Como espaço de resistência e luta, os próprios alunos se engajam de forma organizada e crítica.

No tocante a esta organização, Freire considera que:

Se os estudantes se envolvem uns com os outros em um diálogo crítico, encaro isso com um ato de mobilização, porque decidiram tornar-se seres humanos que investigam juntos sua própria realidade. Se examinam criticamente alguns textos ou artigos que apresento, vejo nisso um sinal de que a sua resistência em relação à cultura crítica está diminuindo, e até que a sua imersão na cultura de massa está se enfraquecendo. Se estudam seriamente o racismo, ou o sexismo, ou a corrida armamentista, percebo aí um ponto de partida da transformação que pode desenvolver-se, a longo prazo, em sua opção pela mudança social. Refletindo sobre o que uma classe pode atingir, vejo uma gradação de momentos de transformação. (2021, p. 64)

A transformação se torna uma possibilidade por conta da resistência em trabalhar conteúdos predefinidos e os saberes essenciais que formam o currículo emanem da sociedade e as discussões remetem a práxis social, ao pensamento dialético que visa ultrapassar a ideologia dominante, que é densa e tácita. O diálogo crítico visa a superação da educação modeladora planejada pelo sistema capitalista, em uma disputa de poder sobre o currículo e a autonomia para escolha dos recursos pedagógicos que favoreçam o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, os tomando juntamente com a sociedade em que vivem, como referência no processo de ensino e aprendizagem. À vista disso:

O homem tente a captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Assume a postura de um sujeito cognoscente de um objeto cognoscível. Isto é próprio de todos os homens e não privilégio de alguns (por isso a consciência reflexiva deve ser estimulada: conseguir que o educando reflita sobre sua própria realidade). (FREIRE, 2021, p. 38)

Como resultado de uma escola que provoque, que estimule o educando a refletir sobre sua própria realidade, é possível vislumbrar uma instituição social que pode colaborar com a transformação social. Este tipo de escola precisa tomar força, expandir e suplantar as escolas que são conteudistas e pretendem exclusivamente preparar alunos para uma avaliação padronizada, de forma estéril e desvinculada das contendas sociais e reprodutoras da ideologia dominante.



Destarte, uma escola de luta e resistência é aquela que não reproduz a ideologia dominante, que compreende os alunos como sujeitos sociais dotados de razão, que pauta seu currículo na realidade social dos alunos, que propõe aulas dialógicas, que desenvolvem a consciência crítica e transformadora. Esta escola tem um potencial de promover uma educação libertadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discutir o tema unidimensional proposto por Marcuse, utilizando o recurso pedagógico caderno Aprender Sempre que é trabalhado no ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Goiânia, temos o desafio de compreender como os sujeitos da aprendizagem se relacionam com este recurso pedagógico e quais os desdobramentos de seu uso.

Pensar em um recurso pedagógico que foi produzido em outro estado e embasado no que a BNCC define como currículo para cada ano, sendo um instrumento padrão disponibilizado para alunos tão diferentes, em tantos aspectos, não conseguimos identificar a organização de um ensino voltado para a realidade social dos estudantes, o mundo em que eles vivem e os problemas que enfrentam.

Vimos que o currículo está a favor dos interesses da classe dominante, reproduzindo sua ideologia, e extirpando a racionalidade dos alunos com uma educação voltada para as avaliações externas. As dificuldades enfrentadas pelos alunos e por sua comunidade não são expressas no caderno Aprender Sempre. Problematizações e liberdade para um ensino dialógico são suprimidas por sequências de atividades que não promovem a discussão e o vislumbre de alguma liberdade.

O que cabe, nesta condição, é promover a escola como um espaço social de luta e resistência, no qual a realidade social é vista, compõe o currículo e é discutida pelos próprios alunos. Escola em que as estratégias de ensino estejam voltadas para promoção de alunos que tenham autonomia não para aprender um currículo distante de sua realidade e para ter bons resultados nas provas, mas uma educação que ensine conteúdos e medre habilidades importantes para a sua vida em sociedade, para enfrentar as injustiças,



discriminação, as diferenças de classes, com autonomia. Uma escola que contribua com a formação de estudantes engajados e críticos o suficiente para gerar transformações necessárias na realidade em que vivem.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado. 14ª ed. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveros de Castro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. Conscientização. Tradução de Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2016.

_____. Educação e mudança. Tradução de Lilian Lopes Martins. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. Tradução de Adriana Lopes. 14ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GOIÂNIA. Secretaria Municipal de Educação. Ofício circular 172/DIRPED. Material Estruturado Aprender Sempre, Goiânia, GO: Secretaria Municipal de Educação, 10 maio 2022.

KELLNER, Douglas. Introdução para O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada, de Herbert Marcuse, 9-30. São Paulo: Edipro, 2015.

MARCUSE, Herbert. O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

WERNECK, Vera Rudge. Cultura e valor. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.